

## HISTÓRIA DA MEMÓRIA DA LUTA PELA TERRA DO ASSENTAMENTO 25 DE MAIO

Maria Andreia Caitano Carneiro<sup>1</sup>  
Márcia Cristina Barragan Moraes Toledo<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo contribuir no resgate e na reafirmação da importância da luta pela terra, do Assentamento 25 de Maio, no município de Madalena- CE para as crianças Sem Terrinha da Escola Margarida Alves. A pesquisa partiu da escuta e da contação de história por parte dos moradores mais antigos na comunidade, pois com o passar do tempo essa história de luta tem se perdido junto as novas gerações. O compartilhamento das histórias por parte dos mais experientes, dos moradores que viveram, construíram e fizeram parte dessa história, ressalta a importância da valorização do que pode se chamar de memória viva. Tal ensinamento deve se fazer presente no ensino das disciplinas de história e geografia, pois retoma a luta pela terra, e não somente no aniversário do assentamento que é uma festa comemorativa. Para tanto buscamos autores que corroboram nos estudos sobre identidade Sem Terra. Na escuta dos Sem Terrinha foi possível observar o desconhecimento da história por parte da maioria e o pouco que sabiam era o que iam acontecer apenas na semana de aniversário do Assentamento sem qualquer contribuição no despertar da identificação dos mesmos como herdeiros dessa história. Foi possível observar motivação por parte das crianças ao saber que seus pais e avós fizeram parte dessa construção, trazendo também a escola como peça-chave junto da comunidade no fortalecimento da identidade e da defesa desse território de luta, por parte das novas gerações.

**Palavras-chave:** Identidade, Sem Terrinha, Luta pela terra, Geografia, Educação do campo.

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, IFRN -campus João Câmara - RN – curso oferecido em parceria com o INCRA – no PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, [andrea.carneiro@academico.ifrn.edu.br](mailto:andrea.carneiro@academico.ifrn.edu.br)

<sup>2</sup> Professora Doutora Visitante das disciplinas pedagógicas do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, IFRN – campus João Câmara – RN, [marciamoraestoledo08@gmail.com](mailto:marciamoraestoledo08@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem 35 anos no estado do Ceará e 40 anos como movimento social nacional. Na sua pauta política está a luta pela terra e o território, a defesa da Reforma Agrária Popular e do Socialismo como projeto político de construção de uma nova sociedade. A ocupação pioneira no estado é o assentamento 25 de Maio localizado no município de Madalena, Sertão Central, é a primeira e maior ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST no Estado do Ceará.

Berço da luta do MST no Estado, dele saíram inúmeros militantes para continuar a luta e as ocupações de terra. É o território onde foram dados os primeiros passos na luta não somente por terra, mas por educação, saúde e a luta por reforma agrária. Composto por 424 famílias cadastradas junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, organizadas em 12 comunidades (Nova Vida I, Nova Vida II, São Nicolau, Mel, Caiçara, Quietto, Vila Angelim, São Joaquim, Perdição, Agreste, Paus Brancos e Paus Ferro) tem como estruturas organizativas: uma Cooperativa, dezenove Associações e um Conselho Geral com dois representantes de cada associação, cooperativa e MST, sendo essas instâncias responsáveis por debater e encaminhar em reuniões mensais, propostas que venham a resolver as demandas do assentamento.

No que se refere as manifestações culturais, suas principais atividades são: cantorias, reisado, quadrilhas e manifestações religiosas. Já no que se refere ao espaço educativo do assentamento, observa-se que as vivências dos (as) educandos (as) são influenciadas, sobretudo nas atividades culturais acima mencionados e no dia a dia da vida escolar. Existem seis escolas no assentamento, cinco são do Ensino Fundamental e uma do Ensino Médio. As escolas do Ensino Fundamental são: Margarida Alves – Comunidade Paus Brancos; Paus Ferro - Comunidade Paus Ferro; 25 de Maio I – Comunidade Nova Vida I; Educadora Eliônia Campos - Comunidade do Quietto; Gal. Wilcar de Paula Pessoa – Comunidade São Joaquim. E a escola do Ensino Médio: João dos Santos de Oliveira (João Sem Terra) - Comunidade Quietto.

Portanto, o presente artigo propõe-se contribuir no debate sobre a formação, resgate e reafirmação da importância da luta pela terra e ao acesso das crianças ao conhecimento da história da luta e conquista da terra, para que possam dar continuidade a essa história de luta e resistência, a qual sua geração passada conquistou rompendo as

cercas do latifúndio. O 25 de Maio foi o primeiro latifúndio ocupado por famílias organizadas no MST, lugar das primeiras experiências organizativas de pertença ao movimento. A trajetória do assentamento e do movimento no estado faz parte da história de muitos assentados e é responsável por grandes mudanças na vida das mais de 400 famílias que ocuparam a fazenda reunida de São Joaquim.

No entanto com o passar dos anos, nota-se o amortecimento da organização do assentamento na defesa de sua história, deixado de lado pelas famílias e pelas escolas, ocasionando um desconhecimento por parte das crianças sobre sua própria história. Percebe-se que vem se tornando algo pouco presente a história da luta pela terra, o que tem ficado em segundo plano, não sendo mais presente no cotidiano, o que leva a perda da identidade com a história de luta e lugar em que vivem.

Assim posto pretendemos responder as seguintes questões: Por que mesmo morando em uma comunidade regada de muita luta e resistência, cultura viva, personagens e atores dessa luta, as crianças do assentamento não são conhecedoras da sua história, das suas raízes na luta? Qual a importância de saber as lutas enfrentadas para conseguir o teto e a terra para plantar? Como trazer presente essa memória, para além do dia de aniversário do assentamento? O não ter conhecimento da sua história dificulta com que essas crianças tenham identificação com sua história?

Diante do que foi exposto houve a necessidade nesta pesquisa de estudo da história local, de um currículo escolar que seja sensível ao tema da realidade dos educandos e do lugar que vivem, a necessidade do diálogo familiar de saber que mesmo que as crianças do assentamento não tenham vivenciado o processo de luta pela terra, isso não os torna menos sujeitos dessa história e contar diariamente toda essa trajetória é reafirmar a defesa da cultura, dos valores e da luta por dias melhores. Não ter vivenciado e passado pelo período do acampamento, das barracas de lona preta torna a experiência das crianças de hoje com o assentamento muito diferente, exigindo que essa experiência seja socializada e lembrada sempre que possível em todos os espaços de estudo e vivência do assentamento.

Outro fator importante é a pressão social, com estereótipos e preconceitos criados ao se referir aos assentados da Reforma Agrária, colocando-os sempre como ignorantes, invasores, baderneiros entre outras formas que são utilizadas e que a grande

mídia cumpre um grande papel na disseminação de notícias falsas sobre a luta do Movimentos dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais Sem Terra.

Por fim, objetivou-se com isso despertar nas crianças Sem Terrinha das referidas escolas a importância da luta pela terra no Assentamento 25 de maio, com a intenção de fortalecer e despertar a identidade com a história de luta do assentamento. Reafirmar na escola o estudo da história do Assentamento por meio das disciplinas de história e geografia. Despertar nas crianças Sem Terrinha a identificação com a história do assentamento e contribuir para que a História do assentamento permaneça entre as gerações.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa fez uso de método qualitativo e teve como objeto de estudo a E.E.F. MARGARIDA ALVES, localizada na comunidade Paus Brancos, no assentamento 25 de Maio /Madalena.

Primeiro momento foi realizado com o momento da escuta das crianças, educandas da turma do 5º e 6º ano visando analisar o grau de conhecimento que eles dispõem sobre a história do Assentamento, em um formato de contação de história, de modo que pudéssemos saber de onde vieram as informações por eles socializadas.

Em um segundo momento, realizamos a roda de conversa com apresentação do contexto histórico do assentamento, relacionando com as informações trazidas pelos participantes.

No terceiro momento, foram convidados moradores do assentamento para socializar sua história e a importância do assentamento na vida das famílias.

Por fim, foi aberto um espaço de diálogos para ouvir novamente o público-alvo sobre o que mudou na concepção deles sobre o assentamento e uma breve avaliação do que acharam do processo, feito por meio de um questionário com as seguintes questões: Descobriu algo novo sobre o assentamento? Qual a relação dessa descoberta com a sua história? Achou importante para entender a sua história no assentamento?

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Desde o início de sua construção sempre foram explícitos seus principais objetivos: “Lutar pela Terra, Lutar pela Reforma Agrária e Lutar pela transformação da sociedade.” E já no seu processo de construção, o MST traçou alguns objetivos que passam a ser sua linha política e estratégia na luta pela terra, sendo eles (MST, 2009,10):

1. Construir uma sociedade sem explorados e exploradas, em que o trabalho tem supremacia sobre o capital;
2. Garantir que a terra, um bem de todos, esteja a serviço de toda a sociedade;
3. Garantir trabalhos a todos com justa distribuição da terra, da renda e das riquezas;
4. Buscar permanentemente a justiça social e a igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais;
5. Difundir os valores humanistas e socialistas nas relações sociais e pessoais;
6. Combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher, homem, jovem, idoso e criança;
7. Buscar articulação com as lutas internacionais contra o capital e pelo socialismo.

Já no que se refere ao pertencimento e a identidade, segundo Roseli Caldarte (2010), Ser Sem Terra é antes de tudo a identificação com a luta é uma identidade construída mediante a condição social.

Ser Sem Terra é mais do que lutar pela terra; Sem Terra é uma identidade historicamente construída, primeiro como afirmação de uma condição social: sem-terra, e aos poucos não mais como uma circunstância de vida a ser superada, mas como uma identidade de cultivo: Sem Terra do MST! Isto fica ainda mais explícito na construção histórica da categoria crianças Sem Terra, ou Sem Terrinha, que não distinguindo filhos e filhas de famílias acampadas ou assentadas, projeta não uma condição, mas um sujeito social, um nome próprio a ser herdado e honrado (CALDART, p. 211).

As muitas famílias vindas de outras regiões trazendo apenas seus filhos, muita garra e esperança de dias melhores, conquistaram a terra, lutaram por escola, saúde e educação, para seus filhos, educação no campo e do campo porque queriam que seus filhos continuassem a luta e que se enxergassem como parte dessa história.

Em tempos sombrios de retirada de direitos a defesa do seu território, da sua história para defender e se sentir parte de tamanha conquista, essa História se faz necessária para seja de conhecimento de todos os sujeitos que a constroem diariamente mesmo que não tenha consciência que o fazem.

Conhecer essa luta é um direito de todos que fazem parte do assentamento, mas é também um dever, conhecer e mantê-la viva para que mesmo quem não esteve presente

no processo saiba que nada foi dado de presente e que são filhos e filhas dessa luta, como bem retratado no poema Transformação de Marília Carla.

[...] Meu filho, você não nasceu sob a lona preta,  
não sentiu o frio da madrugada ou  
esperou a separação da cesta básica pro povão.  
Quando você veio... terra repartida,  
casa de alvenaria, arroz brotando do chão.  
Ainda assim nasceu Sem Terra!

Apreendeu o sentido dos punhos erguidos, da luta e da ação. [...] (GAIA, 2016, pág.34)

A construção da pertença e identidade se dá também no processo de contação de história, nas vivências, nas relações com os sujeitos, nos espaços coletivos de sociabilidade, são espaços de fortalecimento do enraizamento da identidade do ser enquanto território que está inserido.

O compartilhamento das histórias por parte dos mais experientes, dos moradores que viveram e construíram e fizeram parte dessa história, são eles grandes detentores da memória para BOSI (2023)” [...] são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara[...]” e portanto a importância da valorização do que pode se chamar de memória viva.

Fortalecer essa história também por meio da escola, trabalhando a história do assentamento na disciplina de história e geografia, como parte do cotidiano dessas crianças é uma forma de reafirmar e manter presente na criação dos educandos o contexto histórico em que estão inseridos, isso pode se dar em conjunto com a comunidade não somente para a semana de aniversário do assentamento, mas sim como parte integrada ao currículo da escola.

Para isso é necessária uma predisposição da escola quanto dos educadores de estudar e de participar de formações com a intenção de facilitar a relação conteúdo e realidade, para CANDAU; MOREIRA, (2005, p. 8) “[...] será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados”.

Essa relação escola comunidade é o melhor caminho no fortalecimento da relação escola aluno e aluno com a sua história, na construção da identidade, partindo da vivência e do conhecimento da realidade vivida pelos familiares, a história por trás do lugar em que vivem, e onde a escola está situada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa discutiu a importância da memória coletiva para a construção de identidades e para a luta por direitos. A partir dos debates realizados nas escolas do assentamento foi possível observar a ótima participação nas rodas de conversa e a relevância para a construção pessoal dos educandos ao saberem do papel dos seus pais no processo de ocupação.

Debater os estereótipos sobre os sujeitos Sem Terra e a construção de cidadãos conscientes de sua história foi um dos maiores ganhos nesse processo de discussões realizadas na escola do assentamento. Discutir essa temática e despertar o interesse das crianças pela atividade dos Sem Terrinha é, sem dúvidas, um resultado que ajudará a criar a pertença dos assentados e dos Sem Terrinhas.

Portanto, mais do que necessário se faz a inclusão dessa temática no currículo das disciplinas de geografia e história das escolas e é importante para contribuir na realização de um planejamento com todas as escolas do assentamento e para o fortalecimento do Encontro dos Sem Terrinha, ação já realizada no assentamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa contribuiu para o avanço do conhecimento sobre a relação entre educação, memória e identidade Sem Terra, especialmente no contexto da luta pela terra. Com isso, os resultados da pesquisa podem oferecer subsídios para a elaboração de projetos pedagógicos que valorizem a história local e a identidade dos educandos do assentamento objeto de estudo e futuras pesquisas sobre a temática.

Por fim, essa pesquisa poderá abrir novas perspectivas sobre como investigar a relação entre a história do assentamento e a produção cultural das comunidades, ou o estudo da influência da história do assentamento na construção de projetos políticos.

## REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e sociedade:** Lembranças de velhos (Nova edição). Brasil: Companhia das Letras.2023.

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/C8CTZbGZp5t8tH7Mh8gK68y/>. Acessado em 16/10/2022.

CANDAU, Vera. Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. **Educação como exercício de diversidade.** Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2005.

CAMPOS, Marcos Paulo. **Quando os assentados chegaram.** Fortaleza: INESP, 2014  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/C8CTZbGZp5t8tH7Mh8gK68y/?lang=pt>.  
Acessado em 16/10/2022.

MST-CE, Caderno de Formação, nº 01. **História do MST (1984-2009).**

MOVIMENTO SEM TERRA. **Versando a rebeldia.** Ed. GAIA, 2016.